

As metáforas de Marx

Resenha: SILVA, Ludovico. *El estilo literário de Marx*. México, DF: Siglo XXI, 1978.

William Héctor Gómez Soto¹

O estilo literário de Marx tem confundido seus discípulos e detratores, simpatizantes e inimigos. O venezuelano Ludovico Silva publicou, em 1971, um livro precisamente com esse título: *El estilo literário de Marx*, ainda sem tradução para a língua portuguesa.

A obra de Marx está recheada de figuras literárias que, infelizmente, contribuem para muitas das interpretações equivocadas de suas ideias fundamentais. A intenção de Silva não é apresentar um novo Marx, mas desvendar as metáforas utilizadas pelo pensador alemão. A obra de Marx, sem nenhuma dúvida, é uma obra científica densa, porém incompleta e datada. Isto, por si, já é uma dificuldade para quem se aventura a interpretar suas idéias. As coisas se complicam mais ainda quando descobrimos, graças a este livro de Ludovico Silva, que há em Marx, um estilo literário. É disto que Ludovico quer persuadir-nos. Precisamente porque a matriz conceitual de Marx está construída a partir de um sistema criativo de metáforas e analogias, ou seja, Marx possui um estilo literário. Na sua obra, o rigor do cientista se mescla criativamente com um gênio que conscientemente se expressa de forma literária, utilizando diversos recursos de linguagem. Marx se esmerou, como o melhor dos artesãos, para que sua obra, principalmente, “A contribuição à crítica da economia política” (1859) e o

¹ Doutor em Sociologia. Professor do Mestrado em Ciências Sociais e do Instituto de Sociologia e Política (UFPEL).

primeiro volume de “O Capital” (1867), adquirisse uma bela forma literária. Marx esculpia magistralmente cada frase e escolhia a palavra mais adequada para expressar suas ideias. Por isso, Marx subverte a linguagem fechada e impenetrável com que os cientistas costumam a escrever. Qualquer pessoa, com certo grau de instrução, pode ler prazerosamente, a prosa científica com que Marx escreveu “A contribuição à crítica da economia política”. Umberto Eco (2003) lamentou que Ludovico Silva descuidasse a análise do “Manifesto Comunista”. Um texto formidável, segundo Eco, que consegue combinar tons apocalícticos e ironias com explicações claras. O “Manifesto” inicia com um golpe de tímpanos – disse Eco: “Um espectro ronda Europa”. As páginas do “Manifesto”, dedicadas às conquistas da nova classe (a burguesia) permitem visualizar, de “modo quase cinematográfico” (ECO, 2003), a poderosa força do capitalismo, que tudo o transforma e converte em mercadoria.

Diante da obra de Marx nos deparamos não só com o produto final, mas com o processo de seu pensamento. Ao ler Marx, presenciemos o movimento do ato de pensar. Em vez de um pensamento cristalizado, encontramos neste autor um pensamento vivo, o alumbramento e a evolução da criação original da sua obra sem paralelo. Nela, o leitor é levado a seguir Marx nas suas descobertas. Mesmo sabendo pouco ou nada de economia, o leitor atento de “A contribuição à crítica da economia política” fica envolvido no raciocínio econômico, descobrindo desde suas noções mais simples como a de mercadoria às mais complexas como a de valor.

Marx se empenha em demonstrar que as ideias, mesmo a mais abstratas, podem ser visíveis e percebidas claramente. Marx era um exímio conhecedor da língua grega, sabia exatamente o significado original da palavra “ideia”, ou seja, “aspecto exterior”, “aparência”, “forma”. Ele sabia também que a palavra “teoria” em grego significa a ação de ver, de observar, de contemplar. E suas metáforas cumprem esse papel: ajudar a “perceber” e “ver” as ideias mais abstratas.

Para Marx, sua obra tinha que ser vista e percebida. Por isso, suas ideias mais abstratas adotam formas coloridas e vivas. Sua teoria é perceptível e pode ser apreendida visualmente. A sociedade pode ser percebida como uma enorme obra arquitetônica, cuja base é a economia e sua fachada é a ideologia. Estas são, como disse Ludovico Silva, metáforas que nos ajudam a perceber o conteúdo propriamente científico ou teórico. É neste uso abundante de metáforas e analogias, pre-

sentes na obra de Marx, que muitos se perdem, porque tomam equivocadamente as metáforas por explicações e vice-versa.

Por exemplo, muitos dos seguidores e críticos de Marx defendem ou criticam a “teoria da superestrutura”, quando, na verdade, esta é uma metáfora e não propriamente uma teoria. Ao mesmo tempo, as metáforas de Marx se tornaram crenças quase religiosas, tomando essas metáforas por explicações. Em consequência, as coisas mais absurdas foram aceitas, só porque vinham de Marx.

Ludovico disse que com Marx ocorreu a mesma coisa que aconteceu com aquela frase famosa do evangelho: “é mais fácil que um camelo entre no olho de uma agulha a que o rico se salve”. Problemas na interpretação das grafias provocaram, por séculos, uma grande confusão (*câmelos* por *câmilos* que significa cabo). Muitos crentes tentaram justificar, a qualquer custo, a presença do camelo. Algo muito parecido aconteceu com as metáforas de Marx. A metáfora da “superestrutura”, por exemplo, foi utilizada para explicar o fenômeno ideológico, mas se efetivamente a ideologia fosse uma superestrutura, Marx seria o mais entusiasta discípulo de Platão, isto é, um defensor de um mundo das ideias. Pelo contrário, Marx foi um vigoroso crítico do idealismo.

O uso das metáforas por Marx representa um necessário gasto adicional de energia verbal para realizar uma efetiva comunicação com o leitor. Um economista formal fica horrorizado quando Marx afirma que as mercadorias assumem uma forma metafísica para se apresentar no mercado. Da mesma forma, os economistas burgueses ficaram escandalizados com uma obra econômica que citava Shakespeare e Homero, este último citado em grego. Por isso, de forma equivocada, se qualificou a obra de Marx como literária, ainda que, como disse Ludovico Silva, haja nela um estilo literário. E Marx, usa muitas analogias e metáforas para tornar “visíveis” suas idéias.

Antes de Marx ser um cientista social, ele foi um poeta. Posteriormente, percebeu que sua vocação era a ciência e não a literatura. Foi na obra científica que Marx empenhou seu gênio literário ou, por outras palavras, foi na ciência que esqueceu a sua frustração de poeta.

Então, a obra de Marx é uma obra de arte. Ludovico Silva considera que o traço mais marcante do estilo literário de Marx é o seu caráter arquitetônico. Ou seja, há em Marx um sistema arquitetônico construído de metáforas e analogias como expressão harmônica da ciência.

Um dos maiores desafios da análise de Ludovico é separar signos e significados, metáforas e teorias. Nem o melhor cirurgião seria capaz de separar os signos dos seus significados, isto é, a forma do conteúdo. Uma tarefa praticamente impossível. Aí está precisamente o estilo literário na construção musical dos significados densos. Os signos se apresentam como a expressão mais exata dos significados. Marx é dono de um estilo brilhante. Nele, forma e conteúdo, signos e significados adquirem um equilíbrio impressionante e uma articulação que só o melhor dos compositores é capaz de realizar.

Em Marx – disse Silva – existem três grandes metáforas, espécies de metáforas matrizes que aglutinam todas as figuras literárias. Estas três grandes metáforas são: a metáfora da superestrutura, a metáfora do reflexo e a metáfora da religião. Com elas, Marx ilustra sua concepção da história, mas não são só figuras estéticas, elas possuem um valor cognitivo.

Afirmar que a “teoria” ou o “conceito” de “superestrutura” é uma metáfora, parece ser a maior das heresias ditas por Ludovico. Quando Marx se refere ao que em português seria superestrutura, ele utiliza a etimologia latina “Superstruktur” e também o termo alemão “überbau” que significa a parte superior de um edifício. Engraçado que até o próprio dicionário da língua portuguesa – o Aurélio – incorpora a palavra “superestrutura” como se ela fosse uma teoria. Igualmente, no Dicionário Houaiss (2009), pode-se ler que a superestrutura é “no *marxismo*, sistema de idéias e sentimentos, instituições jurídicas e políticas, e manifestações culturais que constituem a consciência social nas diferentes sociedades humanas, dependente em última instância do condicionamento de uma infraestrutura econômica”.

Ao contrário do que pode esperar-se com tanto alarde em torno do “conceito” de superestrutura, nem “Superstruktur” nem “überbau” são termos que Marx utiliza de forma abundante na sua obra. Pelo contrário, segundo Silva, Marx utiliza o primeiro termo em três ocasiões, enquanto o segundo apenas uma vez. Pode ser que Ludovico esteja enganado quanto ao número de vezes que Marx utilizou tais expressões, mas o certo é que o pensador alemão usou-as muito pouco. Isso nos leva a pensar que a “superestrutura”, em vez de ser uma teoria científica, não passa de uma simples metáfora, utilizada em contadas ocasiões. “Marx sabia lo que no parecen saber los marxistas: que una cosa es presentar esquemáticamente una teoría recurriendo a algunas

metáforas, y otra cosa muy distinta explicar científica y positivamente esa teoría” (SILVA, 1978, p. 62).

Há uma constelação de “marxistas” que reduzem a teoria das formações ideológicas à mera superestrutura ideológica, que é a metáfora utilizada por Marx para ilustrar sua teoria. Ao fazerem isto, alguns “marxistas” esvaziam o poder teórico explicativo de Marx. Quando eles consideram a “superestrutura ideológica” como uma teoria, colocam de ponta-cabeça o pensamento de Marx. O que essa “teoria” explicaria? Que a sociedade é considerada uma estrutura material e tem montada sobre si, uma superestrutura ideal. Porém, se a superestrutura está colocada sobre a estrutura, é possível considerá-la separadamente da estrutura. Então, se a ideologia é uma superestrutura: por que não pode ser considerada separadamente? Aqui está precisamente a inversão do pensamento de Marx. Marx se empenhou em atacar os ideólogos que consideravam possível um mundo das idéias independente da sociedade civil, da vida material da sociedade. “En otras palabras, tomar la ‘superestructura’ por una explicación científica equivale a convertir a Marx en un ideólogo, cuando no en un desafortunado platónico creyente en un *topos hyperouránios* o lugar supraceleste donde están instaladas las ideas” (SILVA, 1978, p. 63).

No seu famoso “Prólogo” da sua “Contribuição à crítica da economia política”, de 1859, Marx se refere à base e à superestrutura como analogias. Marx pretende comparar a estrutura econômica da sociedade às fundações de um edifício e comparar a formação ideológica da sociedade, isto é, a “fachada” jurídica e política à própria edificação que descansa sobre aquela fundação. Os ideólogos são aqueles que, não conseguindo enxergar as fundações do edifício, pensam que não existem e confundem a sociedade com sua fachada jurídica e política.

A maior parte das acusações de determinismo que alguns conferem a Marx provém dessas confusões, infelizmente difundidas por muitos marxistas dogmáticos que transformaram a metáfora da “superestrutura” numa teoria científica.

No Prólogo de 1859, Marx utiliza uma dicotomia que, segundo Silva, possibilita estabelecer o vínculo entre a metáfora da “superestrutura” e a do “reflexo”. A dicotomia: “estrutura econômica/ideologia” é a expressão da teoria, enquanto que “base/edifício” é a correspondente metáfora. Ludovico Silva adverte sobre o perigo de pensar a teoria

marxista em termos de superestrutura, considerando a ideologia como um mundo independente da estrutura social.

A metáfora do reflexo se encontra na “Ideologia Alemã”, mas desaparece nas suas obras posteriores. É curioso que Engels, co-autor de “Ideologia Alemã”, continuou utilizando até o fim da sua vida a metáfora do reflexo, sem se preocupar em diferenciar a metáfora da teoria.

Ludovico Silva mostra que, a referida “teoria do reflexo” é apenas uma metáfora baseada em duas analogias entrelaçadas e complementárias. Na primeira analogia, a ideologia aparece como o reflexo ótico invertido na câmara escura. A ideologia seria uma representação invertida do mundo. Isto é, a crença ideológica de que as ideias produzem a história e não o contrário. Então, quando Marx refere-se ao “reflexo ideológico”, ele está fazendo uso de uma metáfora.

Poucos autores têm dado atenção ao estilo literário de Marx. A consequência tem sido confundir figuras literárias com explicações teóricas. Silva separa minuciosamente as metáforas e analogias da teoria. Poucos sabem, mas na sua juventude, como já fizemos referência, Marx quis ser poeta. Um péssimo poeta, diga-se de passagem. A distinção entre o que é expressão literária e teoria nos permite outro olhar sobre a obra de Marx. É o que Silva chama de “dialética da expressão” ou “expressão da dialética”.

Além das analogias e das metáforas, Ludovico Silva destaca o caráter irônico da obra de Marx. Essa ironia de Marx provém da sua capacidade de olhar, de um lado inusitado, os fenômenos sociais. Marx era irônico, porque era materialista e, por isso, se empenhava em descobrir o que estava além das aparências ideológicas do Estado, da religião e do direito. Ludovico ressalta que a ironia em Marx tinha a função de denunciar, de iluminar a realidade. A ironia não é um mero detalhe, é um elemento chave que permite entender a concepção da história de Marx. Enfim, Ludovico Silva, ao deslindar o que é metáfora e o que explicação teórica, contribui para superar os erros de leitura da obra de Marx. E é precisamente aqui que se encontra a originalidade deste pequeno livro que merece uma tradução brasileira.

Sobre o autor

Luis José Silva Michelena, ensaísta, poeta e filósofo venezuelano, morreu precocemente em 1988, aos 51 anos. Ludovico, como era

conhecido, foi um dos mais importantes intelectuais da Venezuela. Estudou filosofia e letras na Espanha, literatura na França e filologia na Alemanha. Suas principais obras são: “La plusvalía ideológica” (1970), “El estilo literario de Marx” (1971), “Marx y la alienación” (1974) e “Anti-manual para uso de marxistas, marxólogos y marxianos” (1976).

Referências

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

William Héctor Gómez Soto
E-mail: william.hector@gmail.com

Resenha recebida em abril/2010.
Aprovada em junho/2010.